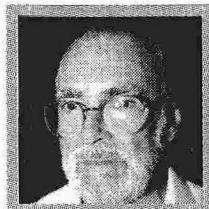


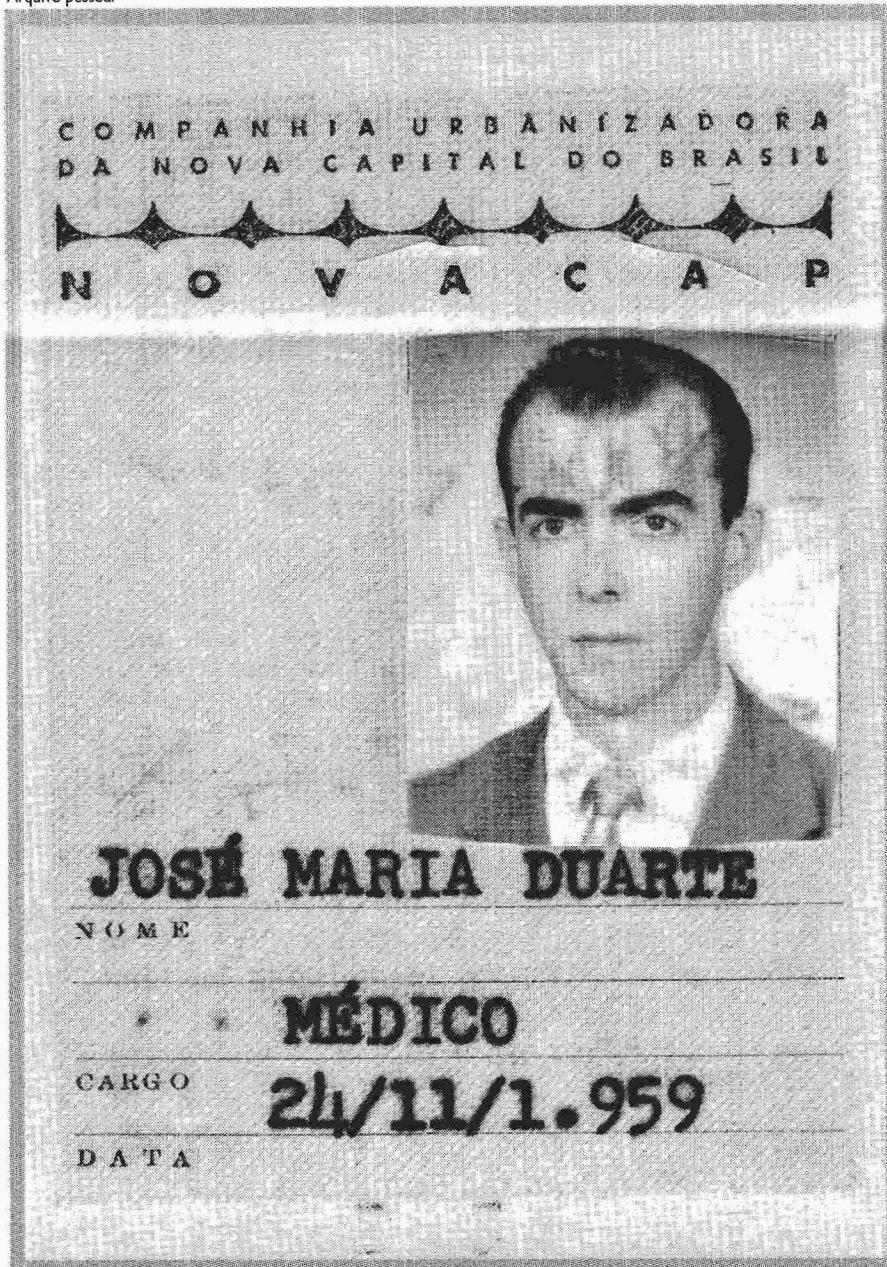
PIONEIROS



José Maria Duarte

Uma cidade onde se trabalhava até 16 horas sem parar

Arquivo pessoal



VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Depois de uma temporada especializando-se em Nova Orleans, nos EUA, o jovem psiquiatra José Maria Duarte estava de volta ao Brasil. Na cabeça dele, havia três cidades onde poderia seguir sua carreira: Maringá (estado do Paraná), Goiânia e Brasília. A opção desse jovem aventureiro foi talvez a que mais tenha surpreendido seus familiares e amigos. Dessa forma, no dia 7 de novembro de 1959, José Maria Duarte trazia sua mudança da cidade do Rio de Janeiro para a nova capital. "Senti logo o significado de Brasília para todo o país. Se era para começar uma vida nova, que fosse em uma cidade que também estivesse começando a vida. Minha mudança resumia-se a uma mala e eu nem tinha local certo para morar", afirma o pioneiro, que encontrou abrigo no acampamento do IAPI.

O primeiro passo para essa mudança na vida de José Maria Duarte foi dado ainda em 1958, quando ele serviu de intérprete para o presidente Juscelino Kubitschek em uma reunião de negócios com um comerciante norte-americano interessado em prestar serviços nas docas brasileiras. "Depois da reunião entre os dois, Juscelino me perguntou o que eu fazia em Nova Orleans. De cara eu respondi que era psiquiatra e queria muito vir clinicar

em Brasília", conta José Maria.

O pedido foi prontamente aceito e, em menos de um ano, o jovem médico já participava da construção de Brasília, um dos

maiores orgulhos da vida dele. Logo na chegada, José Maria viu o que o esperava: um ambiente de muita solidariedade, mas também de muito trabalho. "A cons-

trução de Brasília derrubou o mito de que o brasileiro é preguiçoso, não gosta muito de trabalho. A cidade não parava um só minuto para que as obras pudessem

ser entregues dentro do prazo certo", lembra.

Com os médicos não era diferente: também havia muito trabalho. No início, não tinha essa de especialidade. Os primeiros doutores a chegar na nova capital eram acima de tudo clínicos gerais. "Cheguei a atender todo tipo de emergência. Cansei de atender pacientes que não estavam doentes. O único problema deles era trabalhar mais de 16 horas por dia praticamente sem parar", comenta o psiquiatra, que foi um dos 32 médicos fundadores do Hospital Distrital, hoje Hospital de Base de Brasília. "Meu nome está logo abaixo do de Ernesto Silva na placa comemorativa da inauguração", orgulha-se.

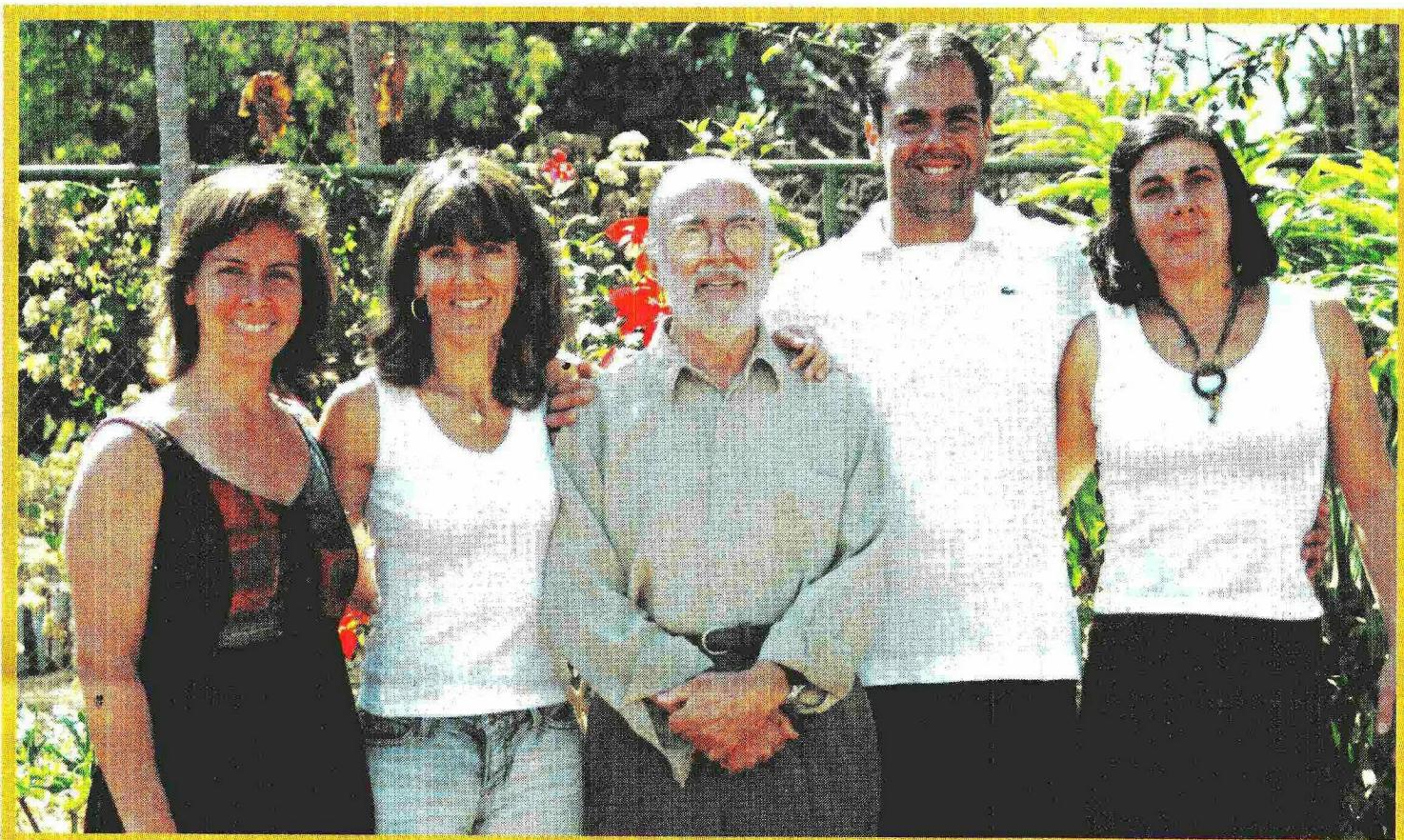
Tempos difíceis os primeiros anos do Hospital. "O trabalho era integral, e como não tínhamos telefone, a ambulância ia nos buscar em casa para os casos de mais urgência", lembra José Maria. O médico também se lembra de quando ia visitar seus pacientes em casas na W3 Sul — de jipe, naturalmente — e tinha que sair por outro caminho. "Muitas vezes estacionava o carro onde era para ser uma calçada e eu não sabia. Quando terminava a consulta, o meio fio já estava construído e eu tinha que dar a volta para não destruí-lo", explica o pioneiro.

Além do trabalho, a solidariedade encontrada na cidade chamou a atenção de José Maria.

O 31 PIONEIROS

Ele se formou em medicina, fez especialização em psiquiatria nos EUA e decidiu começar vida nova em uma cidade que nascia e poderia proporcionar grande desenvolvimento

JOSÉ MARIA COM OS
FILHOS, QUE NÃO
PRETENDEM
DEIXAR A CIDADE
POR NADA DESTE
MUNDO



“ENTRE OS MÉDICOS PIONEIROS HAVIA O SEGUINTE CÓDIGO: SE A PESSOA NÃO ESTAVA EM CASA NEM NO TRABALHO, OU ESTAVA NO RESTAURANTE OU NO BRASÍLIA PALACE HOTEL. CASO CONTRÁRIO, ELA ESTAVA ERA VIAJANDO”

“No dia em que cheguei não conhecia ninguém, quando o Célio Menicucci (médico) e o Carlos Alberto Safe Carneiro (dentista) me deram uma carona em sua lambreta até o acampamento. Daí já ficamos amigos e fomos sempre jantar juntos no Chevelli”, conta José Maria Duarte, acrescentando que até hoje sente os reflexos daquela época e quase cai na tentação de dar carona a um estranho na rua.

O pioneiro lembra que o Chevelli era um dos restaurantes mais concorridos da Cidade Livre e que era um dos pontos de encontro entre os amigos. “Entre os médicos pioneiros havia o seguinte código: se a pessoa não estava em casa nem no trabalho, ou estava no restaurante ou no Brasília Palace Hotel. Caso contrário, ela estava era viajando”, conta, aos risos, José Duarte.

Depois do primeiro encontro, poucas foram as vezes que José Maria Duarte esteve com Juscelino Kubitschek. Uma delas foi no dia da inauguração de Brasília, festa à qual José Duarte assistiu

da boléia de um caminhão estacionado em plena Praça dos Três Poderes, em frente ao Supremo Tribunal Federal. “Aquele dia foi um marco na vida de todos que estavam aqui. Cada um de nós se sentia um pouco responsável pela cidade que estava sendo criada”, diz o pioneiro.

O segundo encontro já não foi tão amigável, pois José Maria esteve na liderança da primeira greve de médicos em Brasília. “Estávamos praticamente todos os médicos fundadores do Hospital Distrital no gabinete de Juscelino reivindicando apenas uma moradia fixa”, conta José Maria, que foi o interlocutor entre os colegas e o presidente e exigiu de Juscelino que ele assinasse a autorização para a doação de moradias. “O presidente assinou, viajou, mas nossas casas não saíram. Aí resolvemos entrar de greve. Com isso o problema foi resolvido com alguns telefonemas e logo estávamos de volta ao trabalho”, recorda o psiquiatra.

Em 1968, José Maria Duarte

deixou o Hospital Distrital e fundou o primeiro hospital psiquiátrico de Brasília, a Casa de Repouso São Judas Tadeu. Três anos depois, era a vez de fundar a Casa de Repouso Nossa Senhora de Fátima. Desde 1990, o local foi desativado e hoje é a moradia de José Maria Duarte, carinhosamente batizado pelos dez netos como “o sítio do vovô”.

Parece que participar da fundação de alguma cidade está mesmo é no sangue de José Maria Duarte. Seu pai era um português de mesmo nome que ele e que ajudou na construção de Presidente Venceslau, cidade do interior paulista onde o pioneiro nasceu. Mas ao que tudo indica a tradição pára nessa geração, pois os filhos de José Maria Duarte — todos nascidos aqui em Brasília — moram na cidade e, segundo o pioneiro, não saem daqui por nada. “Brasília é como um grude, um ímã, que conquista a todos que passam por aqui”, finaliza, transbordando de orgulho por fazer parte da história da capital brasileira.

Raio X

Nome:	José Maria Duarte
Idade:	74 anos
Origem:	Nasceu em Presidente Venceslau, mas veio para cá do Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília:	1959
Profissão:	Médico psiquiatra
Estado civil:	Divorciado
Filhos:	Lúcia Maria, Sônia Maria, José Maria Duarte Neto e Ana Maria
Netos:	Jacqueline, Natasha, Pedro, Manoela, Fernanda, João Victor, Paula, Alexandre, Marcelo e Luiz Gustavo